

## POVO INDÍGENA APINAJÉ: CONTEXTUALIZAÇÃO CULTURAL E TERRITORIAL

Marcos da Silva Farias<sup>1</sup>

José James Torres da Silva<sup>2</sup>

Kênia Gonçalves Costa<sup>3</sup>

### Introdução

A etnia Apinajé está situada no extremo norte do estado do Tocantins, circundadas nas cidades de Tocantinópolis-TO, São Bento do Tocantins-TO, Cachoeirinha-TO e Maurilândia-TO, com uma população 2.342 pessoas, segundo os dados da Siasi/ Sesai de 2014 e território de 142 mil hectares, essa etnia possui o tronco linguístico jê e a língua materna Apinajé, no ano de 2018 o território possuía 38 aldeias, segundo Torres (2020), ressaltando que a tendência é aumentar o número de aldeias, como estratégia de proteção territorial.

Os indígenas Apinajé possuem uma rede de relação através da Associação *Pempxá*, no qual são debatidas as demandas desse povo, com a representação das lideranças de todas as aldeias. Um fato observável, nessa etnia são as trajetórias socioespaciais com a cidade de Tocantinópolis, um fato recorrente descrito por Torres (2020):

Outro fato bastante comum dos Apinajé atualmente são as trajetórias socioespaciais que realizam na cidade de Tocantinópolis (TO), para fazer compras, consultas médicas, estudar, visitar parentes, ir à igreja, a FUNAI, Bancos, além de outros espaços. Os Apinajé complementam sua alimentação com alguns alimentos industrializados, como: arroz, refrigerante, bolacha, óleo, feijão, açúcar, leite, sal e outros itens alimentícios. Quando vão à cidade costumam ir de van, moto, no ônibus escolar, carro da FUNAI, carona ou nos carros fretado por alguns comerciantes, eles são consumidores de vários comércios e lojas da cidade tantos nos bairros mais periféricos aos comércios do centro da cidade. (TORRES, 2020, p.37-38).

Desde os anos 2000, que essa etnia passou a frequentar com mais recorrência a cidade de Tocantinópolis, principalmente para realizar compras, pois com o advento dos programas sociais, o povo Apinajé passou a realizar compras na cidade, fazendo os trajetos de carros, moto e vans. Nesse movimento é perceptível que os contatos interétnicos se destacam pelas

<sup>1</sup> Gestor Financeiro, UFNT, Araguaína-TO. [farias-marcos@uft.edu.br](mailto:farias-marcos@uft.edu.br). <http://lattes.cnpq.br/4495157340469935>

<sup>2</sup> Pedagogo, UFNT, Colinas-TO. [jjamestorres@mail.ift.edu.br](mailto:jjamestorres@mail.ift.edu.br). <http://lattes.cnpq.br/3388092337962263>

<sup>3</sup> Geógrafa, UFNT, Araguaína-TO. [keniacost@uft.edu.br](mailto:keniacost@uft.edu.br). <http://lattes.cnpq.br/3395795403404222>

trocas culturais, pois os Apinajé realizam vendas de frutos do cerrado, artesanatos E garrafadas, mostrando a relação através do pequeno comercio.

O espaço é um dos pontos a ser analisado no que tange as mudanças territoriais dessa etnia, Haesbaert (2021), explana que o espaço é uma das esferas de encontro ou não de trajetórias “O espaço se revela, deste modo, como a esfera do encontro –ou não– de trajetórias relativamente separadas que coexistem em uma multiplicidade de condições acumuladas, sedimentadas, e de possíveis aberturas para o futuro”. (HAESBAERT, 2021, p.41). Nesse sentido se observa as trajetórias que são realizadas no território Apinajé em outros territórios, marcadas historicamente por conflitos e invasões.

Os aspectos culturais da etnia Apinajé são marcados pelo simbolismo e significados, [...] nós damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles (HALL, p.21, 2016). Nessa etnia, ocorrem vários eventos culturais, como a festa da Tora Grande, trocas de sementes e casamentos. Nimuendajú (1983) descreve aspectos culturais dessa etnia, como jogo das batatas, corridas da tora grande, enfeites e danças “O esporte predileto dos homens é a corrida de tóras. Quando visitei a tribo pela primeira vez, em 1928. Já não estava mais em uso, mas nos anos seguintes passou a ser praticada outra vez e está em voga até hoje. Apesar do número reduzido de homens esportivamente ativos”. (NIMUENDAJÚ, 1983, p.86).

Vários trabalhos realizados nessa etnia demarcam a questão territorial, nesse movimento, situo essa pesquisa através de Curt Nimuendajú (1956), Carlos Estevão de Oliveira (1930), Roberto DaMatta (1976), Vanusa da Silva Lima (2018) e Carina Alves Torres ( 2020).

## **Objetivo**

A abordagem proposta tem como objetivo demarcar o contexto territorial e cultural da etnia Apinajé, mostrando as descontinuidades, conflitos e as mudanças sociais, ao longo dos contatos interétnicos. Considerando a necessidade de evidenciar a importância do conhecimento destes aspectos, para a preservação dos rituais do povo apinajé, como também para a manutenção dos seus traços culturais.

## Método

Adotou-se um estudo de natureza descritiva a metodologia da revisão de literatura de referências bibliográficas, a partir de estudos relevantes de pesquisadores, que possuem conhecimento acerca da temática relacionada ao povo Apinayé.

Conforme aponta Severino (2016), os preceitos metodológicos da natureza de uma pesquisa buscam descrever uma realidade, partindo suas aplicações para fundamentar e respaldar decisões, com isso, permitiu que fossem apresentados os aspectos culturais e sociais do modo vida de um povo.

Seguindo uma análise interpretativa das referências bibliográficas, como sendo um viés para apoiar, a consecução do objetivo proposto. Conforme destaca, Lima e Mioto (2007), a pesquisa bibliográfica não é apenas a revisão do material já produzido sobre a temática selecionada, precisa seguir procedimentos na busca de encontrar resposta ao objeto estudado.

Na análise de Curt Nimuendajú, que esteve no território Apinajé na década de 30, no qual destaca o primeiro contato interétnico dessa etnia: [...] empreenderam quatro entradas, Tocantins acima, a fim de descerem índios para as aldeias do Pará. Já na primeira dessas viagens, passaram além da boca do Araguaia [...] (NIMUENDAJÚ, 1983, p. 01). Os primeiros contatos são datados pelos jesuítas PP. Antônio Vieira, Francisco Velloso, Manoel Nunes e Antônio Ribeiro. No ano de 1774 ocorre o primeiro encontro entre os Apinajé e os não indígenas na cachoeira de três Barras durante a viagem a Goiás e Pará, nesse período os Apinajé fabricavam embarcações para realizar trajetos no rio Tocantins e rio Araguaia:

A partir de 1797 entraram os Apinayé em contato permanente com os civilizados. Neste ano o governo do Pará fundou na boca do Araguaia o posto militar de São João das Duas Barras (Hoje São João do Araguaia). Porém ao invés de estabelecer uma paz permanente, começaram desde logo lutas sangrentas entre os Apinayé e a guarnição do posto (NIMUENDAJÚ, 1983, p.01).

Os contatos interétnicos são marcados por conflitos e violências físicas, através de lutas armadas, a questão territorial se constituiu o principal motivo dos conflitos. Durante a estadia de Curt Nimuendajú (1983), havia quatro aldeias: Bacaba, Gato Preto, Mariazinha e Cocal. O território possuía uma vasta floresta, nativa, com ribeirões vastos e frutos do cerrado.

Segundo Nimuendajú (1983) o território Apinajé é ligeiramente colinoso e coberto de campos:

[...] com numerosos arvores e arbustos, sem formar propriamente —cerrados|. Os cursos d’água são acompanhadas de matas ciliares. No Tocantins a faixa de mata alcança em alguns lugares a largura de cinco quilômetros, contados da beira do rio. Em outros pontos o campo começa imediatamente na margem. Esta mata é ainda legitima *Hylaea amazônica* com grande número de palmeiras babassú ( *orbignia speciosa*), tão importantes para os índios pelas suas amêndoas oleosas e pelas suas folhas de aplicações variadas. A região é rica de riachos, mas pobre em lagos e pântanos. ( NIMUENDAJÚ, 1983, p.09).

Através da descrição do autor fica explicita que o território é caracterizado por numerosas árvores, arbustos, no qual ressalta que a mata é legitima da Amazônia, ou seja, uma mata preservada, sem intervenção de desmatamentos ou outros tipos de devastação ambiental.

Oliveira (1930) explicita em seu trabalho que esteve com quatro pessoas dessa etnia, em Belém nos anos 1930, ressaltando que nesse período havia quatro aldeias no território: Aldeia Babaca, aldeia Mariazinha, aldeia Gato Preto e aldeia Cocal. O povo Apinajé habitava a região do rio Araguaia e rio Tocantins, com o território caracterizado pelo cerrado, ribeirões vastos e frutos do cerrado “Embora o contacto com o nosso povo sob a influência da religião católica cem anos, pelo menos, os <<Apinagé>> ainda conservam os seus hábitos, o seu dialecto e as suas crenças”. ( OLIVEIRA, 1930, p.63, grifo do autor).

Roberto DaMatta (1976) destaca que na década de 1970, esse povo vivia em duas grandes aldeias, próximas da cidade de Tocantinópolis-TO:

No ponto de vista geográfico, ocupam uma área de transição entre a floresta tropical e o cerrado que caracteriza grande parte da região divisora de águas do Brasil central. É uma região marcada por matas ciliares ao longo dos ribeirões que correm para o Tocantins ou Araguaia e por campos cerrados que separam cada um desses ribeirões. Os Apinajé sempre construíram suas aldeias na região ligeiramente elevada que separa ribeirões, onde eles não precisam derrubar grandes árvores para conseguirem impor ao ambiente natural o estigma de sua cultura: aldeias circulares com uma praça no centro marca registrada dos grupos jê do norte. ( DAMATTA, 1976, p.33).

Roberto DaMatta (1976) destaca que o território Apinajé está situado na área de transição entre a floresta tropical e o cerrado que caracteriza essa região de águas. As aldeias próximas dos ribeirões, com mata ciliar e o campo cerrado. Os Apinajé praticam a agricultura, caça e roças. É importante destacar que naquele período os moradores da aldeia São José e aldeia Mariazinha vivem basicamente da caça, roças e coleta da amêndoas do babaçu. O autor situa que ao longo dos anos de contatos interétnicos a ecologia Apinajé vem passando por várias transformações, pois “[...] a maneira pela qual a sociedade nacional brasileira vem limitando, estimulando, destruindo e criando no ambiente natural,

secularmente habitado pelo tribo, produtos capazes de serem explorados pelos índios”. (DAMATTA, 1976, p.34).

Antes mesmo dos contatos interétnicos a sociedade nacional já explorava o território, nesse contexto, a ecologia Apinajé é situada pelo viés da sociedade nacional brasileira, ou seja, pela perspectiva exploradora do ambiente como intervenção de roças, exploração de madeiras, frutos e outros artefatos. Roberto DaMatta (1976) aponta que esse povo começou a ser integrados na história do Brasil pelas navegações do rio Tocantins.

Vanusa da Silva Lima (2018) tem sua trajetória historicizada com os Apinajé desde 2013, destacando que esse povo vivia da caça, coleta de frutas, roças e programas sociais. Os Apinajé são caracterizados por produzir artesanatos:

[...] habilidosos na arte de tecer objetos de palhas (esteiras, côfes e um corpo de artefatos ritualísticos) obtidas das mais variadas palmeiras abundantes no cerrado. Palmeiras que contribuem na forma de se alimentarem, nas elevações das habitações, bem como subsídios importantes na realização de rituais e celebrações culturais. (LIMA, 2018, p.21-22).

Os artesanatos produzidos são feitos das palhas das palmeiras de babaçus, pois o território é circundado por várias palmeiras dessa árvore (Figura 01).

Figura 01: Babaçuais no território



Fonte: Lima, 2018.

Na figura 01, explicita os babaçuais, uma das características que demarcam o território. Vanusa Lima (2018) ressalta que a paisagem Apinajé é dinâmica de acordo com dias de chuva e dia de sol e a “[...] areia branca e fina desenha os caminhos abertos para se alcançar as aldeias” (LIMA, 2018, p.45). A autora caracteriza os babaçuais através da diversidade que ocupa no território além da visão panorâmica e outras arvores nativas, como buritirana, buriti, tucum, Piaçava, juçara, açaí, inajá, macaúba e patis.

Os aspectos culturais que podemos citar é a “Festa da Tora Grande” praticada nos dias atuais nessa etnia como Torres (2019) ressalta em seu artigo, ao descrever essa festa, que aconteceu na aldeia Brejinho, simbolizando o final do luto da liderança Maria Almeida que falecera no ano de 2016 e seu filho Irã, que falecera em um acidente de carro. O evento movimentou as estradas vicinais próxima aldeia Brejinho, pois recebeu várias pessoas de outras aldeias, pesquisadores e vendedores da cidade de Tocantinópolis. A autora descreve o movimento da festa:

Antes de a festividade iniciar, os organizadores da festa contratam alguém para cortar as toras de buriti, ou um familiar da pessoa falecida. A família da falecida Maria Almeida contratou uma pessoa para cortar as toras este ano. Os organizadores da festa cultivaram uma roça com mandioca, feijão, batata, abóbora, arroz e milho para ajudar na alimentação das pessoas. Há todo um simbolismo na representação das toras que significam as pessoas falecidas. São dois clãs que correm com as toras nos ombros, o Wamenhmê e o Katâm. Para a realização da corrida, há toda uma preparação na aldeia, as mulheres pintam os homens seguindo o clã dos nomes. Os homens do clã cantam e são pintados com a tinta de urucum e jenipapo. O clã Katâm com pinturas horizontais e o clã Wamenhmê com pinturas verticais. (TORRES, 2019, p.06).

A festa é um momento marcado por vários rituais, choros, homenagens, cantos, danças e corridas, o simbolismo é demonstrado desde a retirada das toras na mata até o momento da corrida e chegada ao pátio da aldeia. Na figura 02 representa as toras utilizadas na “Festa da Tora Grande” na aldeia Brejinho.

Figura 02: Tora de Buriti.



Fonte: Torres, 2019.

Outro traço cultural dessa etnia são os cantos e danças, perpetuados pelas gerações, passado pelos mais velhos para a mais jovem, em vários rituais crianças, jovens, adultos se reúnem nas rodas de danças, como na “Festa da Tora Grande”, se constituindo uma ocasião de trocas de saberes e interação entre as diversas gerações. Odair Giraldin (2000) ressalta sobre o modelo de transmissão de nomes na etnia Apinajé:

O modelo ideal de transmissão de nomes é, também, uma das formas de manutenção da própria memória das pessoas que já portaram aquele conjunto de nomes. Através do procedimento de transmitir aos filhos de meus irmãos e minhas irmãs, os nomes dos meus pais e daqueles que arranjaram nomes para mim e, com os nomes, a lembrança deles, garantindo também que meus próprios nomes serão transmitidos por aqueles a quem eu arranjei os nomes, mantendo-se, com isso, minha lembrança e, com ela, uma memória coletiva. (GIRALDI, 2000, p.105).

A transmissão de nomes é um dos traços culturais dessa etnia se tornando umas das vias de perpetuação das memórias das pessoas que já faleceram, preservando a memória dos arranjadores de nomes.

De acordo Carina Torres (2020), os aspectos interculturais dessa etnia, vivenciadas através do uso de tecnologias, como celulares, televisão e rádios. É comum ocorrer festas de forró no território, com bandas da cidade de Tocantinópolis:

[...] a concepção intercultural traz à tona diferentes e importantes aspectos das dimensões sócio-histórica, cultural, política e econômica, nas quais se dão os contatos entre diferentes culturas em situação de assimetria, como é o caso das relações estabelecidas entre os povos indígenas com a sociedade não-indígena no Brasil (NASCIMENTO, 2014, p. 03).

No contexto Apinajé, essas relações são caracterizadas pelos aspectos, educacionais, políticos, religiosos e sociais, pois são diversas interações sociais que caracterizam essas relações.

## Resultados

A revisão bibliográfica, delineou os traços territoriais e culturais, dessa etnia, demarcando a perspectiva histórica e contatos interétnicos. É perceptível, que o território Apinajé foi palco de conflitos armados que se estenderam até o processo de demarcação territorial. O recurso água e solo representou um dos motivos de invasões territoriais por parte de posseiros, fazendeiros e pecuaristas, onde resultou em conflitos e preconceitos a população indígena, pois uma das representações que se perpetua a essa população é pelo viés de atraso econômico para a região, como Demarchi & Moraes (2015), destacam em seu artigo “Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles” ao citar as representações sociais que são aludidas aos povo indígenas Apinajé na cidade de Tocantinópolis-TO “[...] existe muita terra para pouco índio, de que o índio é camponês, ou, finalmente, de que a terra indígena é signo de atraso para o desenvolvimento dos municípios que estão ao seu redor [...]. (DEMARCHI & MORAIS, 2015, p.02).

O território Apinajé é visto pelo viés de atraso econômico, resultando em visões equivocadas e estereotipadas, pois na perspectiva capitalista essa população deveria produzir soja, eucalipto e investir na pecuária no seu território.

A cultura Apinajé, é caracterizada pelas práticas interculturais nos dias atuais, pois ao longo do contexto histórico os contatos interétnicos, se manifestaram através de conflitos, aspectos educacionais, religiosos e políticos. São perceptíveis, as mudanças sociais que ocorreram no que tange os ritos, danças e cantos. Nos dias atuais, a “Festa da Tora Grande” é a principal festividade do território, com representatividade de pessoas participando e cultuando os rituais.

Carina Torres (2020) cita em sua pesquisa que o território Apinajé passou por várias transformações ao longo dos contatos interculturais, como o movimento de demarcação territorial que finalizou em 1985, onde resultou vários conflitos com as lideranças políticas de Tocantinópolis, fazendeiros, pecuarista e posseiros:

O território indígena Apinajé possui uma fitofisionomia com o tipo de cobertura vegetal de contato savana-floresta Ombrófila, floresta Ombrófila aberta e savana. Com bacias hidrográficas do rio Tocantins e Araguaia, o bioma é o cerrado. Através destas informações percebemos que o território é caracterizado por ter recursos naturais em abundância como água e solo. (TORRES, 2020, p.33).

O recurso água é um dos elementos de conflitos nessa região, pois no processo de demarcação territorial, os ribeirões Cruz e Mumbuca não entraram nos limites territoriais Apinajé, sendo uma das demandas que o povo discute nos dias atuais. A autora ressaltou que no ano de 2018, o território possuía 45 aldeias circundadas, sendo duas aldeias principais: aldeia São José e Aldeia Mariazinha. “[...] Solo e água são uns dos recursos naturais de recorrentes conflitos entre os povos indígenas e a população local” (TORRES, 2020, p.34), os principais ribeirões do território são: Bacaba, Botica, Ribeirão Grande e São José.

Carina Torres (2020) aponta, os impactos ambientais que os grandes empreendimentos da região assolam o território, como Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE) e a fronteira agrícola MATOPIBA<sup>4</sup>, que vem crescendo nas últimas décadas na região norte do estado do Tocantins.

O território Apinajé passou por várias mudanças ao longo das décadas, marcada pelo processo demarcação territorial findada no ano de 1985, durante esse período pessoas camponesas que residiam no território, tiveram que se retirar após a demarcação.

## Conclusão

O fato observado é que nessa etnia, a questão territorial e cultural é uma das pautas de discussão no que tange as demandas, nesse sentido, parto da perspectiva bibliográfica por meio de obras que abordam essas temáticas de forma interpretativa.

Nota-se, que mesmo ocorrendo contatos interétnicos, tendo interação com os não-indígenas, que causam interferência no modo de vida da comunidade. Os Apinajé mantinham traços culturais, como dança cantos e rituais, sendo que os contatos inicialmente foram estabelecidos pela religião católica na região, marcada com a presença de missionários nas aldeias.

---

<sup>4</sup> MATOPIBA é uma região formada por áreas majoritariamente de cerrado nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, para onde a agricultura se expandiu a partir da segunda metade dos anos 1980. Fonte: <http://www.embrapa.br/tema-matopiba>. Acesso: 14/01/2022

A revisão bibliográfica foi essencial para compreender os aspectos culturais e territoriais dessa etnia, demarcando o contexto histórico e descontinuidades temporais que caracterizavam o território, como os movimentos conflitais e processo demarcatório territorial.

## Referências

- DAMATTA, Roberto. **Um mundo dividido**: A estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976.
- DEMARCHI, André; MORAIS, Odilon. 2015. **Mais algumas ideias equivocadas sobre os índios ou o que não deve mais ser dito sobre eles**. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal do Tocantins.
- GIRALDIN, Odair. **Axpêñ Pyrak: história, cosmologia, onomástica e amizade formal Apinayé**. Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade** : sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina / Rogério Haesbaert. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021.
- LIMA, Vanusa da Silva. **Entre Palmeiras**: produção e transmissão de conhecimentos entre as gerações Apinaje, 2018. 148f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Terras Tradicionais) — Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável Junto A Povos E Terras Tradicionais, MESPT, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10 (spe), 2007.
- NASCIMENTO, André Marques. **Interculturalidade: apontamentos conceituais e alternativa para a educação bilíngue**. Sures, v.1, p.1-19, 2014.
- NIMUENDAJÚ, Curt. **OS APINAYÉ**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1983. 146 p.
- OLIVEIRA, Estevão Carlos: **Os Aspinagés no alto do Tocantins**: Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, 1930.

TORRES, Carina Alves. **Mulheres Indígenas Apinajé**: Trajetórias Socioespaciais em Tocantinópolis (TO). 2020, 115f, Dissertação de Mestrado em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, UFT: Araguaína, 2020.

TORRES, Carina Alves. Povo Indígena Apinajé: ritual da tora grande (*párkaper*). **Revista Articulando e Construindo Saberes**, v. 5, 2019.

Sites visitados:

<http://www.saude.gov.br/sesai>. Acesso: 10/01/2022.

<http://uniaodasaldeiasapinaje.blogspot.com>. Acesso: 13/01/2022. té 6.000 caracteress]